

Memórias botânicas de um raizeiro: manutenção do saber local e da biodiversidade

Botanical memories of a herbalist: maintenance of local knowledge and biodiversity

Memorias botánicas de un herbolario: mantenimiento del conocimiento local y la biodiversidad

Recebido: 18/03/2022 | Revisado: 24/03/2022 | Aceito: 01/04/2022 | Publicado: 08/04/2022

Juliana Silvestre Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4051-7536>

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

E-mail: julay_silvestre@yahoo.com.br

Resumo

É sabido que a exploração dos ambientes naturais por povos tradicionais fornece subsídios para estratégias de manejo e, por isso, o resgate do conhecimento tradicional acerca do uso das plantas é de grande importância. Nesse contexto, a etnobotânica assume um papel fundamental. No Brasil, as informações etnobotânicas têm subsistido de pai para filho, através da transmissão oral, e podem ser obtidas nas feiras livres, por meio de raizeiros e vendedores de plantas medicinais. No entanto, essa prática diminui à medida que a urbanização e a tecnologia avançam para além das grandes cidades. Com o objetivo de resgatar esse saber empírico e valorizar o conhecimento tradicional foram realizadas entrevistas, do tipo “interlocução livre”, com um antigo raizeiro de Cuiabá-MT. As entrevistas ocorreram nas feiras onde o raizeiro mantém suas barracas e registraram seus conhecimentos e experiências, bem como sua relação com as plantas. Do total de espécies comercializadas em sua barraca, 71,5% são nativas, valor que reforça a necessidade de projetos e políticas que visem a preservação da flora nativa e o desenvolvimento econômico das populações humanas que dependem destes recursos. O raizeiro mostrou preocupação com a crescente degradação ambiental e com a falta de conexão existente entre pais e filhos, que prejudica a transmissão oral necessária para a manutenção do conhecimento local. Este estudo confirma que raizeiros são detentores do saber tradicional e não apenas carregam consigo informações a respeito das plantas, mas também são fontes de conhecimentos acerca da ecologia e sustentabilidade ambiental.

Palavras-chave: Conhecimento tradicional; Etnobotânica; Plantas medicinais.

Abstract

It is known that the exploration of natural environments by traditional peoples provides subsidies for management strategies and, therefore, the rescue of traditional knowledge about the use of plants is of great importance. In this context, ethnobotany assumes a fundamental role. In Brazil, ethnobotanical information has subsisted from father to son, through oral transmission, and can be obtained at fairs, through herbalists, and medicinal plant traders. However, this practice declines as urbanization and technology advance beyond large cities. With the aim of rescuing this empirical knowledge and valuing traditional knowledge free dialogue interviews were carried out, with a traditional herbalist of Cuiabá-MT. The interviews took place at the fairs where the herbalist maintains his tents and recorded their knowledge and experiences, as well as their relationship with plants. Of the total number of species sold in its stall, 71.5% are native species, value that reinforces the need for projects and policies aimed at the preservation of native flora, and the economic development of human populations that depend on these resources. The herbalist was concerned about the increasing environmental degradation and the lack of bond between parents and children, which jeopardizes the oral transmission necessary for the maintenance of local knowledge. This study confirms that herbalists are holders of traditional knowledge, and not only carry information about plants, but also about ecology and environmental sustainability.

Keywords: Traditional knowledge; Ethnobotany; Medicinal plants.

Resumen

Se sabe que la exploración de los ambientes naturales por parte de los pueblos tradicionales proporciona subsidios para las estrategias de manejo y, por lo tanto, el rescate de los conocimientos tradicionales sobre el uso de las plantas es de gran importancia. En este contexto, la etnobotánica asume un papel fundamental. En Brasil, la información etnobotánica ha subsistido de padres a hijos, por transmisión oral, y puede obtenerse en los mercados callejeros, por medio de curanderos y vendedores de plantas medicinales. Sin embargo, esta práctica declina a medida que la urbanización y la tecnología avanzan más allá de las grandes ciudades. Con el objetivo de rescatar ese conocimiento empírico y valorizar el conocimiento tradicional, fueron realizadas entrevistas, del tipo “diálogo libre”, con un tradicional herbolario de Cuiabá-MT. Las entrevistas se realizaron en las ferias donde el herbolario mantiene sus carpas y registraron sus conocimientos y experiencias, así como su relación con las plantas. Del total de especies vendidas en su puesto, el 71,5% son autóctonas, cifra que refuerza la necesidad de proyectos y políticas encaminadas a la conservación de la flora autóctona y al desarrollo económico de las poblaciones humanas que dependen de estos recursos. El curandero mostró

preocupación por la creciente degradación ambiental y la falta de conexión entre padres e hijos, lo que pone en riesgo la transmisión oral necesaria para el mantenimiento de los saberes locales. Este estudio confirma que los herbolarios son poseedores de conocimientos tradicionales y no solo portan información sobre plantas, sino que también son fuentes de conocimiento sobre ecología y sostenibilidad ambiental.

Palabras clave: Conocimiento tradicional; Etnobotánica; Plantas medicinales.

1. Introdução

Cada vez mais admite-se que a exploração dos ambientes naturais por povos tradicionais pode fornecer subsídios para estratégias de manejo e exploração que sejam sustentáveis em longo prazo (Amorozo, 2002). O conhecimento tradicional sobre o uso das plantas é vasto e o resgate desse saber adquire grande importância quando se reconhece que é o único conhecimento disponível ao qual a população rural de países em desenvolvimento tem ao seu alcance (Pasa et al., 2005). Contudo, não apenas as comunidades tradicionais utilizam esse conhecimento que perpassa por usos ornamentais, alimentícios e, principalmente, medicinais. Grupos de baixa renda, geralmente instalados na periferia das cidades, também utilizam formas alternativas mais acessíveis e baratas de tratar suas doenças, uma vez que o sistema oficial de saúde, nem sempre disponível, se mostra cada vez mais ineficiente (Silva-Almeida & Amorozo, 1998).

A medicina tradicional é definida como a prática exercida pelo conhecimento empírico e cultural na cura dos problemas relacionados à saúde de diferentes grupos humanos, incluindo o uso de plantas como medicamento (Pasa, 2020). É praticada por diferentes grupos étnicos e emprega profissionais interdisciplinares em métodos de etnobotânica e antropologia (WHO, 2002). Segundo Caballero (1979), a etnobotânica desponta como campo interdisciplinar que compreende o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora. Para Kubo (2006), é uma ciência que se ocupa das relações homem-natureza e destaca o intrincado entrelaçamento que há entre cultura e meio ambiente. Ela não apenas nos mostra a importância de determinada planta em relação à sua utilidade, mas nos responde por que a utilidade a ela conferida está presente no nosso contexto cultural. Desse modo, destacar a importância da etnobotânica é fundamental a partir do entendimento de que os saberes empíricos e as práticas de saber local são ferramentas indissociáveis dos valores culturais de diferentes formações sociais (Macena & Vila, 2020).

Até o século XX, o conhecimento tradicional era amplamente utilizado pela população, no entanto, com o processo de urbanização, o uso de plantas para fins medicinais se tornou sinônimo de retrocesso (Lorenzi & Matos, 2021). Segundo Diegues (2008), o processo de urbanização atinge diretamente as comunidades tradicionais e a interação homem-planta, resultando na perda do conhecimento local sobre os recursos vegetais e em prejuízos para ações de manejo e conservação, uma vez que as comunidades locais são essenciais para garantir o sucesso de áreas protegidas. Amorozo (2002) afirma que os fatores que contribuem para a perda de espécies medicinais e de informações sobre elas – sendo o principal deles a alteração antrópica no ambiente – acarretará, em médio prazo, uma diminuição na disponibilidade e no uso de plantas nativas e espontâneas para estes fins. A utilização ponderada e racional das plantas medicinais como suporte terapêutico pode ser considerada uma forma simples, de baixo custo e bastante eficaz de promover a saúde. Assim, as ervas têm extrema importância no contexto terapêutico mundial, mais especialmente em países como o Brasil, com poucos recursos econômicos (Corrêa et al., 1998) e grande diversidade vegetal.

Segundo Souza e Felfili (2006), grande parte da flora do Cerrado tem sido amplamente explorada pelo conhecimento popular e um crescente aproveitamento dos vegetais para a produção de medicamentos vem sendo realizado através de associações comunitárias. Apesar disso, de acordo com as autoras, há significativa carência de levantamentos etnobotânicos e de potencial extrativista das espécies nativas do bioma. O Cerrado tem possibilidades de aproveitamento sustentável e a atual forma de manejo e aproveitamento deste bioma no Estado de Mato Grosso, por exemplo, que na maioria das vezes é imediatista, pode levar à extinção de muitas espécies endêmicas (Guarim Neto & Moraes, 2003). Na Amazônia mato-grossense, onde a paisagem natural foi bastante alterada para o desenvolvimento agropecuário, os quintais agroflorestais assumem elevada

importância. Contudo, a quantidade de pesquisas em relação a sistemas produtivos, além de escassos, estão fixadas principalmente em estudos de composição florística e não destacam a atuação desses agroecossistemas sobre a segurança alimentar e a saúde, o que mostra que o conhecimento das populações tradicionais quanto à utilização dos recursos naturais existentes constitui uma cultura ameaçada de extinção (Veiga & Scudeller, 2011; Pereira et al., 2021). Revelar o conhecimento acumulado, o saber local de populações que habitam, particularmente, áreas dos biomas mato-grossenses é, antes de tudo, valorizar e respeitar informações que são veiculadas na informalidade das ações do cotidiano, ricas na transmissão do conhecimento, pautado na forte oralidade que as permeia (Guarim Neto, 2005).

No Brasil, as informações etnobotânicas remanescentes têm subsistido de pai para filho, de geração a geração, através da transmissão oral e, na maioria das vezes, podem ser obtidas nas feiras livres, por meio de raizeiros e vendedores de plantas medicinais (Agra, 1996). Estes são os responsáveis pela divulgação, difusão e manutenção do conhecimento popular sobre a medicina tradicional (Dantas & Guimarães, 2006; Freitas et al., 2012), pois não apenas comercializam vegetais com potencial terapêutico, mas orientam como usá-los e prepará-los para a cura das mais diversas doenças, apesar de não terem, em geral, um conhecimento muito profundo sobre os possíveis efeitos adversos e interações medicamentosas (Araújo et al., 2003). Por esse motivo, estudos multidisciplinares envolvendo etnobotânicos, químicos, farmacólogos e agrônomos (visando o controle do cultivo das espécies vegetais) são necessários para que sejam ampliados os conhecimentos sobre as plantas medicinais, no que se refere a suas ações e efeitos, além de estabelecer estratégias mais adequadas para o controle de qualidade e produção de fitoterápicos (Veiga Junior et al., 2005).

Tendo em vista que a medicina tradicional pode propiciar a melhoria das condições de saúde, principalmente, das populações de países em desenvolvimento que não têm acesso ao sistema de saúde formal; que o saber empírico vem se perdendo devido ao avanço da urbanização e crescente perda de áreas naturais; e que o conhecimento em relação à utilização das plantas é fundamental para a conservação da natureza e produção regulamentada de novos fitoterápicos, este estudo tem por objetivo contribuir com a manutenção do saber local, a partir do registro de conhecimentos e experiências de um antigo raizeiro e comerciante de ervas medicinais, morador da cidade de Cuiabá – MT, bem como sua relação com as plantas no contexto da etnobotânica.

2. Metodologia

2.1 Área de estudo – localização e histórico

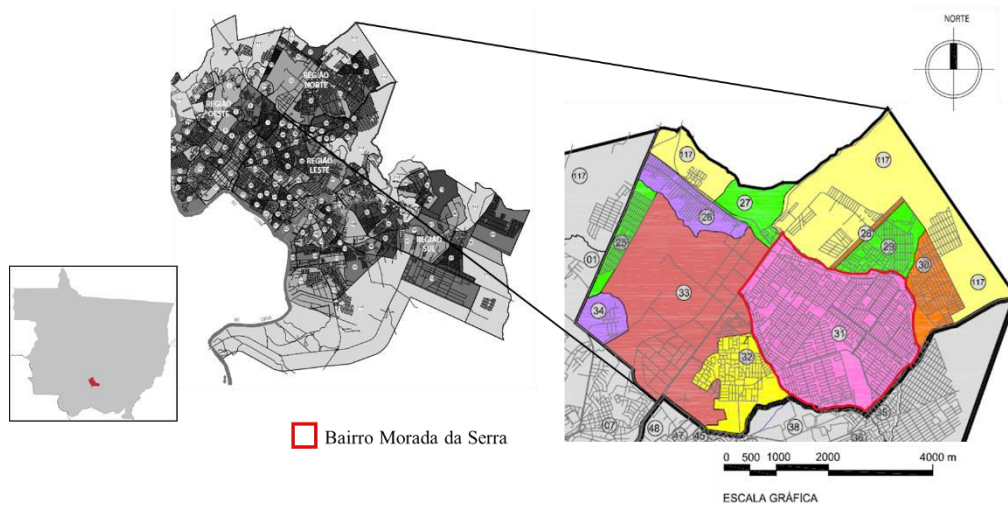
O presente trabalho foi desenvolvido no município de Cuiabá, localizado no centro-sul de Mato Grosso, sob as coordenadas 15°35'56"S e 56°06'01"O e altitude de 165 metros. O município, capital do Estado, possui clima tropical quente e subúmido com temperaturas elevadas que alcançam o pico nos meses de setembro e outubro. A temperatura média gira em torno de 24°C e a precipitação média anual é de 1.750 mm, com intensidade máxima em dezembro, janeiro e fevereiro. Cuiabá ocupa cerca de 5.077,18 km² do território mato-grossense (IBGE, 2021), dos quais 254,57 km² são de área urbana (Cuiabá, 2007). Segundo dados do IBGE (2021), atualmente a população cuiabana é estimada em 623.614 habitantes, entre naturais e imigrantes.

Inicialmente, a Depressão Cuiabana foi ocupada por uma série de grupos indígenas e depois explorada por europeus e brasileiros que passaram a ocupar a região após a descoberta de ouro. Decorrente da mineração, fundaram-se as primeiras povoações ribeirinhas que tinham na extração e na criação de animais a principal fonte de recursos, porém, em meados do século XX, iniciou-se a especulação agrária, os conflitos de terras e a expansão dos latifúndios subsidiados pelo governo. Como consequências disso, houve o empobrecimento dos pequenos produtores, sua migração para as áreas urbanas e a redução dos recursos naturais disponíveis na região (Januário, 2006a).

O rápido incremento demográfico da década de 70 gerou crescente desequilíbrio entre oferta e demanda de moradias e a construção de conjuntos habitacionais deixou de suprir o déficit habitacional, sendo preciso adotar soluções inovadoras no

planejamento de novas áreas para implantação de conjuntos de habitação popular. Foi assim que surgiram, no bairro Morada da Serra, localizado no setor norte da capital, os conjuntos habitacionais CPA 1, CPA 2, CPA 3 e CPA 4, implantados no perímetro do Centro Político Administrativo (CPA), em área cedida pelo Governo do Estado para abrigar os edifícios do complexo administrativo (Figura 1). Dos 10 bairros localizados na região norte, sete apresentam renda baixa (menos de 2,91 salários-mínimos), os demais são classificados como bairros de renda média baixa (entre 2,91 e 5,65 s.m.), renda média (de 5,65 a 11,65 s.m.) e renda média alta (11,66 a 21,94 s.m.). Morada da Serra enquadra-se no segundo grupo (Cuiabá, 2009). O número de moradores do bairro, segundo censo realizado em 2010, é de aproximadamente 56.066 habitantes (IBGE, 2010).

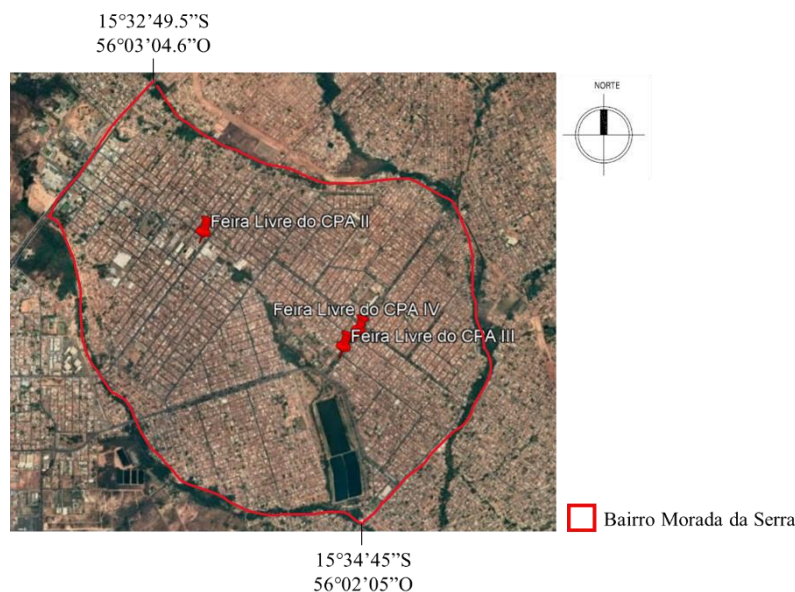
Figura 1. Localização do bairro Morada da Serra, na região norte do município de Cuiabá-MT.



Fonte: Modificado de Cuiabá (2010).

O município de Cuiabá possui hoje cerca de 50 feiras-livres e aproximadamente 1.200 feirantes em atividade, que atendem em torno de 300 mil pessoas/mês (Cuiabá, 2014). Dentre as mais importantes feiras de Cuiabá estão as do CPA (Figura 2), onde podem ser encontrados os principais raizeiros da capital de Mato Grosso.

Figura 2. Localização das feiras livres do CPA 2, 3 e 4, no bairro Morada da Serra, região norte do município de Cuiabá-MT.



Fonte: Google Earth Pro (2021).

2.2 Levantamento de dados

A pesquisa teve início com um extenso levantamento bibliográfico a respeito de termos como “senso comum”, “pesquisa participante”, “etnobotânica” e “história oral”, que contribuiu para a organização das entrevistas realizadas com o raizeiro. O primeiro contato com este foi para apresentar o objetivo do estudo e pedir sua permissão para o desenvolvimento da pesquisa.

As conversas com o raizeiro ocorreram em seu local de trabalho, suas barracas de ervas medicinais instaladas nas feiras populares dos bairros CPA 2, CPA 3 e CPA 4. Foram realizadas oito entrevistas, com duração de cerca de 2 horas cada, tendo o cuidado de não extenuar o entrevistado, nem atrapalhar a sua atividade. Para isto, seguiu-se a metodologia proposta por Thompson (1992) que enfatiza que quanto menos o testemunho do entrevistado for moldado por perguntas, melhor. Assim, foi proposto ao raizeiro não uma entrevista formal, mas uma interlocução livre, aberta, em que ele, isento das perguntas do entrevistador, pudesse falar sobre o tema de interesse. A história de sua infância, ou seja, o início de todo o seu aprendizado foi o ponto de partida sugerido. Todas as interlocuções foram gravadas e fielmente transcritas, tendo-se o cuidado para que nenhuma informação fosse perdida.

Essa rotina foi seguida durante quatro meses, entre dezembro de 2005 e março de 2006. As informações aqui divulgadas, assim como as imagens, foram obtidas sob a devida autorização do raizeiro. Apesar disso, optou-se por ocultar seu nome e rosto nesta publicação.

Todas as espécies comercializadas pelo raizeiro foram fotografadas para posterior identificação, mediante pesquisas em bases de dados botânicas e consultas em literatura especializada, principalmente da flora de Mato Grosso. A identificação foi revisada e seguiu a nomenclatura botânica proposta pelo *The Angiosperm Phylogeny Group IV* (2016). As sinônimas e a classificação quanto à origem das espécies foram obtidas na Flora do Brasil (2020).

3. Resultados e Discussão

A interlocução livre foi considerada a metodologia mais adequada, pois, de acordo com Thompson (1992), os questionários/entrevistas de perguntas fechadas, por serem lógica e rigidamente estruturados inibem a memória do respondente de tal modo que este fica reduzido a respostas monossilábicas ou muito curtas.

As publicações que têm como objetivo estudar o perfil dos raizeiros não têm muitas informações além de percentuais de dados como idade, grau de escolaridade, sexo e moradia. Trabalhos que descrevem a história de vida do raizeiro, ou da benzedeira, ou do ribeirinho, são poucos, como pode-se observar nas contribuições de Garcia *et al.* (1991) e Januário (2006 a, b). É importante, no entanto, reconhecer que a manutenção do conhecimento empírico se dá através da sua valorização e divulgação, e que estudos etnobotânicos são ferramentas importantes tanto para pesquisas fitoquímicas, farmacológicas e toxicológicas, quanto para estudos de ecologia e conservação ambiental.

De acordo com Telesi Júnior (2016), estudos etnobotânicos têm se revelado um ótimo meio de prospecção de moléculas bioativas úteis na medicina, reconhecidos por cientistas em todo o mundo. Investigações etnodirigidas têm sido pré-requisitos para o desenvolvimento de novos fármacos, pois, apresentam informações preliminares de eficácia e segurança (Sganzerla *et al.*, 2022). Ao mesmo tempo, o aprofundamento da abordagem etnobotânica sobre o manejo dos ecossistemas – seja por comunidades tradicionais ou por pessoas que dependem dessa prática para o seu sustento – vem revelando uma imbricada relação entre as práticas de manejo tradicionais e os ecossistemas manejados (Souza, 2006). A partir daí vê-se quão importantes são esses tipos de estudo na comprovação da íntima relação entre saúde, práticas tradicionais e biodiversidade, que resulta, segundo Souza (2006), “na ligação inseparável entre sócio e biodiversidade”.

3.1 O raizeiro, seu percurso e o conhecimento botânico tradicional

O raizeiro entrevistado, A.F.A., nasceu em 1943, na Paraíba. Como grande parte dos raizeiros, sempre morou no sítio. Sua mãe, ainda viva na época das entrevistas, era parteira e sabia benzer, mas não exercia esse “dom”. O pai, já falecido, fazia serviços gerais e sofria de malária. A.F.A. começou a trabalhar na roça aos seis anos de idade. Quando tinha 10, seu pai feriu o pé enquanto cortava madeira e teria que amputá-lo se sua esposa não fosse “conhecedora das ervas”. Segundo ele, sua mãe o chamou e mandou “tirar as ervas”: “Filho, você conhece as ervas?”, e ele respondeu “Conheço! quais é?” E assim o aprendizado começou. Ele lembra: “Casca de ameixa, quixaba, aroeira, jucá, barbatimão e maniçoba-brava, do lado que o sol nasce, antes de o sol se pôr”. As partes coletadas eram então torradas e cozidas em sal grosso para lavar o corte e fazer compressa. A partir daí, o futuro raizeiro passou a aprender o uso das plantas medicinais e preparar remédios e garrafadas. Sua mãe costumava cuidar das crianças adoentadas e ele, o mais velho de 26 irmãos, era o responsável pela extração das ervas no mato.

“Eu sempre quis trabalhar com isso aqui. Eu gravava tudo na ideia. Porque criança tem a ideia muito boa, né? Então já fui aprendendo tudo o que a mãe ensinou. Só que tem muita coisa que eu esqueci, por que eu fiquei muitos anos parado, sem mexer, né? Eu conhecia tudo quanto era tipo de árvore...”

A escola, nunca frequentou. “Frequentei 25 dias de aula com uma cearense lá no Paraná. Eu tinha uns 22 anos. Com esses 25 dias de aula, eu aprendi a assinar o nome, aprendi as quatro operações de conta. Hoje eu quase não sei mais, por que a gente vai ficando velho, vai esquecendo, vai abandonando...”. A.F.A. lê e escreve muito pouco, no entanto, suas ervas secas, prontas para a venda, são etiquetadas com sua própria letra. No estudo de Dantas e Guimarães (2006) o percentual de raizeiros analfabetos é de 55,8%. Baixa escolaridade, vida na zona rural e contato com as plantas medicinais desde muito cedo são características comuns entre os erveiros e benzedeiras (Garcia *et al.*, 1991; Araújo *et al.*, 2014; Loch *et al.*, 2020).

A.F.A. conta que começou a trabalhar “igual a gente grande” com apenas 12 anos de idade. Cortava mandioca para fazer farinha, cortava cana, banana, fazia “todo tipo de serviço braçal”, não sobrando tempo para as brincadeiras infantis. “Com seis anos nós começava a pastorear gado e sofrer. Nós nunca tivemos infância... nós criamos tudo nesse sofrimento”. Sua família era grande, “mas morreram um bocado”, como ele mesmo diz. Todos moravam no sítio e o raizeiro recorda que quase foi parteiro da própria mãe e criou a maioria dos irmãos. Segundo Loyola (1984), o conhecimento do raizeiro resulta de um “dom”, que ele associa à intervenção de forças sobrenaturais. A.F.A. não faz nenhuma referência a causas sobrenaturais, nem acredita que o

conhecimento das ervas seja um dom, mas sim uma atividade que necessita de certo estudo, pois “a própria natureza oferta tudo o que precisamos. Basta manter o equilíbrio”. Para Guarim Neto (1996), a natureza nos oferece inúmeras oportunidades de desfrutá-la, cabendo a nós saber aproveitá-la da melhor maneira possível, respeitando-a e protegendo-a. A.F.A., sem dúvidas, compartilha dessa ideia.

De acordo com Kubo (2006), a abordagem etnobotânica abrange a preocupação com a preservação da natureza e faz refletir sobre se a humanidade teria aprendido a desenvolver um equilíbrio entre usar e preservar, entre desfrutar e proteger. “Equilíbrio” é uma palavra comum no vocabulário do raizeiro, que lembra da necessidade de manter esse equilíbrio tanto no momento da coleta do material botânico do seu ambiente natural, quanto no momento da ingestão do remédio preparado a partir das ervas coletadas. Torres-Cuadros e Islebe (2003), ao relacionarem o conhecimento ecológico tradicional e o uso da vegetação, concluíram que nem todas as espécies vegetais são utilizadas de acordo com sua disponibilidade no ecossistema, e sua sustentabilidade pode sofrer impactos positivos ou negativos conforme o uso real ou cognitivo que se faz do recurso. Sobre isso, o raizeiro conta que “o pessoal da saúde foi lá na barraca com papel, e procuraram 16 tipos de ervas, e um falou assim: -Moço, isso aqui pode matar! e eu disse: - Pode! Até comida se você comer demais você morre! Existe a dose do remédio”.

Existem também regras e superstições que entre os erveiros são muito respeitadas e praticadas.

“Quando eu tirava as ervas, via o horário e as luas. O remédio só pode tirar da cheia para a minguante e pode ter validade de até dois anos. Se tirar na nova e na crescente, com 90 dias tá tudo carunchado. Tem que secar a erva que é bem úmida um dia no sol e o resto na sombra. Agora a erva que não tem muita água é tirada e só secada na sombra, para ela ficar com o aroma da erva. Se pönhá no sol já perde todo o valor da erva. Todas elas para terem validade têm que tirar da cheia para a minguante, dá 15, 20 anos e não caruncha”.

Outra crença que A.F.A. revela é a existência de uma reza que sua mãe costumava fazer para estancar o sangue. Ela dizia que “se admirar, o sangue não para... É que nem verme, remédio de verme não pode dar na nova e na crescente, tem que ser da cheia para a minguante, senão é perigoso até matar a criança”.

A rotina no sítio começava às 4 horas da manhã, “por que nós tinha o gado e nós tirava leite de manhã”. Trabalhavam na roça o dia todo, chegando em casa em torno das 22-23 horas. O pai, caixeiro viajante, apenas orientava os filhos para o serviço do sítio. Nenhum dos 26 filhos, incluindo o entrevistado, completou a Educação Básica: “O mais estudado, estudou quatro anos. O terceiro dos mais velhos”. Sobre os filhos diz: “Eu ensinei para os meus até a 5ª série. Pesava os estudos, né?”. Hoje nenhum deles é graduado, mas possuem, todos, o ensino médio completo.

A respeito das plantas, A.F.A. foi o único que demonstrou interesse em aprender, seus irmãos atuam como pedreiros. “Só eu mesmo, que comecei com a minha mãe e aprendi. Eles não aprenderam porque fizeram 13, 14, 15 anos e foram tudo para São Paulo, Rio de Janeiro e criaram nas cidades para lá, e eu fiquei ajudando minha mãe, trabalhando e batalhando até hoje”. O raizeiro entrevistado conta ainda que foi o último a sair da casa dos pais, pois gostava de trabalhar na lavoura.

“Dos meus filhos nenhum gosta da lavoura e eu sou apaixonado! Não trabalho mais assim, mas se eu quiser ir trabalhar na lavoura, eu vou. Eu sei trabalhar! Eu moro na cidade, mas eu tô emprestado. Eu não gosto da cidade, eu gosto de trabalhar! Por mim, viveria no sítio. Planto mandioca, batata, planto abacaxi, não preciso de nada da cidade. Com uma caixa de fósforo você vive um ano no sítio, você põe fogo num pau e segura fogo direto. Você não mexe em nada. Você põe um querosene de azeite de semente de mamona ... Você cozinha à lenha, a comida é mais saborosa, mais saudável”.

A.F.A. compara a comida feita na lenha e no gás, e as panelas de barro e de ferro às panelas de alumínio. “Alumínio só contém doença. Por isso hoje já não tem mais ninguém com saúde”. O raizeiro relata também que nunca tomou medicamento alopático.

“O remédio da farmácia também é bom, a diferença é que o remédio natural não é químico, ele demora. E o remédio químico faz o efeito na hora, só que ele trata de um e estraga outro. E o natural não. Ele demora 8, 10 dias, mas não atrapalha nada, não tem contra-indicação”.

E completa dizendo que a única vez que foi na farmácia se consultar, já tinha 16 anos. “Fiquei mal do estômago porque comia muito rápido”.

“Meus pés são todos cortados, minhas mãos todas retalhadas e eu nunca usei nenhum antibiótico, nunca fui ao médico. Eu tomo remédio caseiro. Se tô com dor de cabeça, faço chá”.

De acordo com seu relato, após sair do sítio, já com 18 anos completos, se mudou para o Paraná, onde viveu por quase 25 anos, trabalhando sempre na lavoura. No interior, montou uma barraca de cereais na feira e conheceu sua esposa, uma paraibana que se mudou para o Sul, analfabeta, mas que, segundo o raizeiro, faz conta muito bem. “Ninguém passa a perna nela!”. Casaram-se, tiveram seis filhos – quatro homens e duas mulheres – e, anos após, se mudaram para Cuiabá – MT, onde abriram uma barraca de verduras e temperos. Em pouco tempo desistiram do negócio, pois a verdura é altamente perecível e muitos produtos se perdiam.

Quando seu primogênito teve o primeiro filho, a vida da família mudou. A criança nasceu com problemas de saúde que requiritava muitos gastos e uma chácara da família precisou ser vendida para pagar as despesas hospitalares. Assim, decidiram montar uma barraca de ervas medicinais em uma feira muito popular de Cuiabá – MT. A.F.A. conta que ensinou tudo o que sabe ao filho, que hoje possui a maior barraca de ervas da feira em que trabalha. “Eu ensinei tudo para ele, hoje ele é meu professor, né? Porque ele tem estudo”. O sucesso do filho fez com que o raizeiro montasse sua própria banca em várias feiras de Cuiabá, dentre as quais as do CPA, as únicas ainda existentes na época da pesquisa. Sua barraca, muito bem frequentada, possui uma grande variedade de fitoterápicos. São aproximadamente 90 espécies comercializadas (Tabela 1) em produtos como raízes, cascas, flores e folhas secas, garrafadas e preparados sob a forma de gel (Figura 3).

Figura 3. Raizeiro entrevistado e sua barraca de ervas medicinais, localizada na feira do CPA 2, no bairro Morada da Serra, região norte de Cuiabá-MT.



Fonte: Autoria própria.

Tabela 1. Espécies medicinais comercializadas nas barracas do raizeiro entrevistado, localizadas no bairro Morada da Serra, região norte de Cuiabá-MT.

FAMÍLIA Espécie	Origem	Nome vulgar	Parte usada	Forma de uso	Indicações
ALISMATACEAE					
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltr.) Michel	N	Chapéu-de-couro	folha	chá	Diurético; reumatismo
AMARANTHACEAE					
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	N	Infalível	raiz	chá	Prisão de ventre; males do estômago; pneumonia
<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Z	Mastruz	folha	chá	Vermes; "machucadura"
AMARILLYDACEAE					
<i>Allium sativum</i> L.	C	Alho	bulbo (raiz)	chá, xarope	Gripe; colesterol; pressão alta; tosse
ANACARDIACEAE					
<i>Astronium urundeuva</i> (M.Allemão) Engl.	N	Aroeira	casca	chá, xarope, compressa	"Quebradura"; inflamações; gastrite
<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.	N	Cajuzinho-do-campo	raiz	chá	Diabetes; colesterol
ANNONACEAE					
<i>Annona muricata</i> L.	C	Graviola	folha	chá	Depurativo sanguíneo; colesterol; diabetes; câncer
APOCYNACEAE					
<i>Mandevilla velame</i> (A.St.-Hil.) Pichon	N	Velame-branco	folha, raiz, casca	chá, banho	Depurativo sanguíneo; afecções da pele; epilepsia
ARISTOLOCHIACEAE					
<i>Aristolochia esperanzae</i> Kuntze	N	Batata-paraguaia Buta Milhomem	casca	chá	Males do fígado e estômago; diabetes; colesterol
ASTERACEAE					
<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	N	Marcela	planta inteira	chá	Dor de estômago; apendicite
<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	N	Carqueja	planta inteira	chá	Diabetes; males do estômago e do fígado; reumatismo
<i>Bidens pilosa</i> L.	Z	Picão	folha, raiz	chá	Hepatite; males dos rins, fígado e estômago
<i>Cynara cardunculus</i> L.	C	Alcachofra	folha	chá	Diabetes; males do fígado e do estômago
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Z	Boldo-do-chile	folha	chá	Males do fígado; gota; estimulante digestivo
<i>Matricaria chamomilla</i> L.	C	Camomila	planta inteira	chá	Calmante; gases estomacais e intestinais; queda de cabelo
<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	N	Guaco	folha	chá	Picada de inseto e cobra; gripe; dor reumática; osteoporose
<i>Pseudobrickellia brasiliensis</i> (Spreng.) R.M.King & H.Rob.	N	Arnica-do-campo	folha	chá, garrafada	Inflamação; dor interna; contusão
BIGNONIACEAE					
<i>Anemopaegma arvense</i> (Vell.) Stellf. ex de Souza	N	Catuaba	casca	chá, garrafada	Fraqueza; cansaço; anemia; falhas na memória
<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	N	Ipê-roxo	casca	chá, xarope	Inflamações; tosse; alergia; câncer
<i>Jacaranda decurrens</i> Cham.	N	Carobinha-do-campo	folha, raiz	chá	Depurativo sanguíneo; vermes; alergia

<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth.& Hook.f. ex S.Moore	N	Para-tudo	folha, flor, casca	chá, xarope	Anemia; gripe; gastrite; colesterol; inflamações em geral
BIXACEAE					
<i>Bixa orellana</i> L.	N	Urucum	folha, raiz	chá	Gripe; dor muscular; fraqueza; infecção renal; pressão alta; colesterol; Doença de Chagas
BORAGINACEAE					
<i>Cordia ecalyculata</i> Vell.	N	Porangaba	folha, flor	chá	Reumatismo; anemia; colesterol
CAPRIFOLIACEAE					
<i>Valeriana officinalis</i> L.	C	Valeriana	raiz	chá	Calmente
CELASTRACEAE					
<i>Monteverdia ilicifolia</i> (Mart. ex Reissek) Biral	N	Espinheira-Santa Cangorosa	folha, raiz	chá	Males do estômago; infecções em geral
COCHLOSPERMACEAE					
<i>Cochlospermum</i> sp.	N	Algodão-do-mato	batata (raiz)	chá	Infecções e inflamações em geral
CONVOLVULACEAE					
<i>Operculina hamiltonii</i> (G.Don) D.F.Austin & Staples	N	Purga-de-lagarto Batata-de-tiú	batata (raiz)	chá, banho	Depurativo sanguíneo; infecções sexualmente transmissíveis
<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	N	Batata-amarelo-leite	raiz	chá	Depurativo sanguíneo; laxante; derrame cerebral; vermes
COSTACEAE					
<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	N	Caninha-do-brejo	capim (folha)	chá	Infecção renal
CUCURBITACEAE					
<i>Cayaponia tayuya</i> (Vell.) Cogn.	N	Taiuiá	cipó	chá	Reumatismo; males do fígado e estômago
<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	N	Buchinha-paulista	fruto (bucha)	chá, inalação	Abortivo; depurativo do sangue; sinusite
<i>Momordica charantia</i> L.	Z	Melão-de-São-Caetano	folha	chá	Males do fígado e estômago; sarna; malária
EUPHORBIACEAE					
<i>Croton urucurana</i> Baill.	N	Sangra-d'água	folha, casca, exsudado ("sangue")	chá, xarope	Males do estômago; reumatismo; problemas na próstata; hemorroida; inflamações em geral; câncer
<i>Ricinus communis</i> L.	Z	Mamona	óleo	molho (água morna)	Laxante; problemas respiratórios
EQUISETACEAE					
<i>Equisetum giganteum</i> L.	N	Cavalinha-do-brejo	folha	chá	Inflamações do aparelho urinário, sistema reprodutor, pulmão e olhos; dor reumática; diurético; anemia
FABACEAE					
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.	N	Umburana	folha, raiz ("batata"), casca	chá, xarope	Infecção intestinal; expectorante
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	N	Angico	casca	chá, xarope, garrafada	Inflamações; problemas uterinos
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	N	Pata-de-vaca	folha	chá	Diabetes; colesterol
<i>Dipteryx alata</i> Vogel	N	Cumbarú-do-mato	casca	molho (água fria)	Disenteria; desidratação; "machucadura"; hemorroida
<i>Hymenaea courbaril</i> L. <i>H.stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	N	Jatobá	planta inteira	chá	Males respiratórios e do aparelho urinário; diurético; inflamações em geral
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	N	Jucá Pau-ferro	fruto	cozido	Gastrite; feridas; diurético; inflamações em geral
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	N	Sucupira-branca	casca	chá	Reumatismo; diabetes

<i>Senna alexandrina</i> Mill.	Z	Sene	folha	chá	Laxante; diurético; expectorante; catarro no intestino
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	N	Fedegoso	raiz	chá	Males do fígado e estômago; hepatite; malária
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	N	Barbatimão-do-cerrado	folha, casca	chá	Inflamação; ferida
<i>Vatairea macrocarpa</i> (Benth.) Ducke	N	Amargoso Angelim-do-cerrado	casca	chá	Males do fígado, estômago e intestino
HUMIRIACEAE					
<i>Endopleura uchi</i> (Huber) Cuatrec	N	Uxi-amarelo-da-Amazônia	casca	chá	Mioma; infecções em geral
JUGLANDACEAE					
<i>Juglans</i> sp.	C	Nogueira	folha	chá	Colesterol; depurativo sanguíneo
LAMIACEAE					
<i>Lavandula angustifolia</i> Mill.	C	Alfazema Lavanda	folha, flor, semente	chá, banho	Queda de cabelo; infecção intestinal; menopausa; calmante
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	Z	Cordão-de-São-Francisco Cordão-de-frade	folha, fruto	chá	Ácido úrico; dor reumática
<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	N	Hortelã-do-campo	folha	chá, xarope	Desentope veia do cérebro; tosse; vermes
<i>Melissa officinalis</i> L.	C	Melissa	folha, flor	chá	Angina; flatulência; calmante; digestivo
<i>Origanum vulgare</i> L.	C	Manjerona-de-cheiro	folha	chá, xarope, compressa	Contusão; gripe; tosse
<i>Salvia officinalis</i> L.	C	Sálvia	folha	chá	Males do estômago; inflamação da garganta
LAURACEAE					
<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl Breyn.	C	Canela	folha, casca	chá	Estimulante digestivo; gases estomacais e intestinais; fraqueza; vômito
<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	N	Canela-de-sassafraz	casca	chá	Dor reumática
LECYTHIDACEAE					
<i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers	N	Jequitibá	casca	chá, banho de assento, gargarejo	Hemorroida; problemas de próstata e de garganta; inflamações em geral
LOGANIACEAE					
<i>Strychnos pseudoquina</i> A.St.-Hil.	N	Quina-do-cerrado Pau-de-tenente	casca	molho (água fria)	Anemia; fraqueza; males do fígado e estômago; emagrecedor
LYTHRACEAE					
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr.	N	Sete-sangrias-do-cerrado	planta inteira	chá	Má circulação; pressão alta
<i>Lafoensia pacari</i> A.St.-Hil.	N	Mangava-brava	casca	chá, compressa	Males do estômago; "machucadura"
MALPIGHIACEAE					
<i>Heteropterys tomentosa</i> A.Juss.	N	Nó-de-cachorro Raiz-de-Santo-Antonio	raiz, casca	chá, garrafada	Câimbra; vista fraca; dor de barriga; depurativo sanguíneo; afrodisíaco
MALVACEAE					
<i>Waltheria communis</i> A.St.-Hil.	N	Malva-branca	folha	chá, compressa	Depurativo sanguíneo; problemas de garganta; inflamações em geral
MELIACEAE					
<i>Azadirachta indica</i> A.Juss.	C	Neem	folha	chá	Gastrite; úlcera
MORACEAE					

<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	N	Algodãozinho Mama-cadela	raiz	chá, curtido	Depurativo sanguíneo; afecções da pele; vitiligo
MYRTACEAE					
<i>Eugenia uniflora</i> L.	N	Pitanga-do-pormo	folha	chá	Males renais; colesterol; gripe
PHYLLANTACEAE					
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	N	Quebra-pedra	folha, raiz, casca	chá	Pedra nos rins; diabetes; contusão
PLANTAGINACEAE					
<i>Plantago major</i> L.	Z	Tansagem	folha	chá	Males do fígado e estômago; afecções bucais; depurativo sanguíneo
POACEAE					
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Z	Capim-cidreira	folha, raiz	chá	Males renais; diurético; calmante
POLYGONACEAE					
<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	N	Erva-de-bicho	folha	chá, banho	Gripe; hemorroida
RUBIACEAE					
<i>Borreria capitata</i> (Ruiz & Pav.) DC.	N	Vassourinha-de-botão	folha	chá	Inflamações em geral; problemas no útero; corte; contusão; dor de dente
<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	N	Cainca	raiz	chá	Dor reumática; gripe
<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) K.Schum.	N	Douradinho-do-campo	raiz, casca	chá	Depurativo sanguíneo; males renais
<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	N	Erva-molar Congonha-de-bugre	folha	chá	Má circulação; rins; hidropsia (pernas inchadas); picada de cobra; eczema
RUTACEAE					
<i>Esenbeckia leiocarpa</i> Engl.	N	Guarantã	casca	chá	Diabetes; colesterol; males do fígado e estômago
<i>Pilocarpus pennatifolius</i> Lem.	N	Jaborandi	folha, raiz	chá, banho	Queda de cabelo; anestésico
<i>Ruta graveolens</i> L.	C	Arruda	folha, casca	chá	Pressão; gripe; abortivo; dor reumática; calmante; sintomas de menopausa
<i>Spiranthera odoratissima</i> A.St.-Hil.	N	Manacá-do-cerrado	raiz	chá	Reumatismo; inflamação uterina; labirintite
<i>Zanthoxylum rigidum</i> subsp. <i>hasslerianum</i> (Chodat) Reynel	N	Maminha-de-porca	casca	chá, garrafada	Inflamações em geral
SALICACEAE					
<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	N	Bugre	folha, raiz	chá	Depurativo sanguíneo; inflamação de garganta; sarna; coceiras
SAPINDACEAE					
<i>Paullinia cupana</i> Kunth	N	Guaraná	semente	xarope	Afrodisíaco; problemas cardíacos; fraqueza
SCHISANDRACEAE					
<i>Illicium verum</i> Hook.f.	C	Anis-estrelado	flor, semente	chá	Fraqueza; males do estômago; expectorante; produção de leite; "segura a gravidez"
SIMAROUBACEE					
<i>Homalolepis ferruginea</i> (A.St.-Hil.) Devecchi & Pirani	N	Calunga-do-brejo	raiz	molho (água fria)	Colesterol; diabetes; males do estômago, fígado e vesícula biliar; mau hálito
SIPARUNACEAE					
<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	N	Negramina-do-cerrado	folha	inalação, banho	Congestão nasal; dor de cabeça; sinusite
SMILACACEAE					
<i>Smilax</i> sp.	N	Salsaparrilha	raiz	chá	Depurativo sanguíneo; dor reumática; sífilis

URTICACEAE					
<i>Urtica urens</i> L.	Z	Urtiga-branca	raiz	chá	Depurativo sanguíneo; colesterol; diabetes; câncer
VOCHYSIACEAE					
<i>Vochysia divergens</i> Pohl	N	Cambará	casca	chá	Depurativo sanguíneo; males respiratórios
<i>Vochysia tucanorum</i> Mart.	N	Pau-doce-do-cerrado	casca	chá	Hemorroidas; diabetes; inflamação intestinal; disenteria
ZINGIBERACEAE					
<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	C	Gengibre	raiz	chá, xarope	Garganta; tosse; fraqueza

N = Nativa; Z = Naturalizada; C = Cultivada. Fonte: Autoria própria.

Quanto à procedência das ervas, o raizeiro relata: “Elas vêm da Chapada dos Guimarães¹, às vezes a gente vai buscar para lá de Sinop² ... quase 800 quilômetros! E tem que secar no mato, porque se deixar elas junto, elas ficam preta que nem carvão ... E nós fica lá até elas secar, porque se emalar (*pôr na mala*) ela verde, ela fica preta todinha, perde toda a validade”. Azevedo & Silva (2006), em estudo no Rio de Janeiro, perceberam que os temperos e as ervas medicinais comercializadas nas feiras têm diferentes procedências, podem vir do cultivo das próprias hortas e quintais dos feirantes/erveiros ou compradas de produtores especializados que as cultivam.

Quando, durante a entrevista, o assunto “degradação ambiental” foi abordado, A.F.A., um pouco mais agressivo, disse: “Quem tá acabando com a natureza não são os pobres, são os tubarão. Você pensa que são os peixes pequenos? Não são não! O homem constrói e ele mesmo destrói! E os pobres não podem fazer nada, só os tubarão!”. Segundo Albuquerque (2002), com o desaparecimento das florestas tropicais e outros importantes ecossistemas, a humanidade deixará de conhecer os medicamentos para muitos dos males atuais, bem como o valor alimentício e nutritivo das muitas plantas que desaparecerão junto com os seus respectivos ambientes. O uso sustentável de recursos, além de preservar a cultura e trazer benefícios socioeconômicos às comunidades, é também um aliado à conservação ambiental (Prado et al., 2019).

Detentores do saber tradicional, como erveiros e benzedeiros, não apenas carregam consigo informações a respeito das plantas, mas também são fontes de conhecimentos acerca da ecologia e sustentabilidade ambiental. A.F.A. diz que aprendeu com a mãe a técnica de coleta das plantas (“tirar as ervas”) e enfatiza a importância da retirada sustentável do recurso natural.

“Eu mesmo tiro ou compro de alguma pessoa que tira para nós, mas a gente tira muito melhor ... Tem gente que vai tirar uma quina (*Strychnos pseudoquina* A.St.-Hil.) e mata a árvore porque não pode tirar toda a casca. Tem que deixar sempre a árvore para viver. Tem gente que não sabe, vai lá e arranca aquela planta, quebra, machuca. A planta é igual a nós, machucou, já sente, né? ... Eu mesmo tirando, eu confio mais, inclusive nós tem uns dez raizeiros que tira a planta para nós. Mas tem aqueles que a gente confia e tem outros que a gente não confia”.

O discernimento sobre a flora leva o ser humano a respeitá-la e por consequência a amá-la – e vice-versa – fazendo com que se torne um cuidador da natureza. A sensibilização da comunidade a respeito do papel fundamental que possui na conservação do ambiente em que vive é uma estratégia necessária para a preservação das espécies medicinais, dos ecossistemas naturais e do saber local. Estudos etnobotânicos são meios de conhecer o modo de uso das plantas, a partir do manejo racional dos recursos naturais e sua preservação *in loco*. Além disso, propiciam a valorização do uso da biodiversidade local e possibilitam o incentivo às atividades sustentáveis, principalmente em locais onde as populações rurais dependem das plantas e de seus produtos para subsistência (Lamarca et al., 2020).

¹ Município localizado na região centro-sul de Mato Grosso, a 793 metros de altitude e 62 km da capital Cuiabá. Sua vegetação é representada, predominantemente, por fitofisionomias do Cerrado.

² Município localizado na região norte de Mato Grosso, a 384 metros de altitude e 500 km da capital Cuiabá. Possui vegetação do tipo florestal tropical.

Do total de espécies comercializadas na barraca de A.F.A., 71,5% são nativas. Estudos na Caatinga (Cordeiro & Félix, 2014) e no Cerrado goiano (Souza & Felfili, 2006) também registraram em torno de 70% de espécies medicinais nativas sendo amplamente utilizadas pela comunidade. Segundo Cordeiro & Félix (2014), espécies vegetais nativas, quase sempre, são utilizadas para diferentes fins – além do medicinal – pelas populações rurais, o que representa a necessidade da realização de estudos relacionados ao manejo adequado dos recursos naturais disponíveis, visando a preservação da flora nativa e o desenvolvimento econômico das populações humanas que dependem destes recursos para sua sobrevivência.

Apesar do grande potencial de exploração extrativista vegetal existente nos biomas brasileiros, tais recursos são subutilizados. Souza e Felfili (2006) apontam para o fato de não existir, no bioma Cerrado, um programa eficiente de manejo que contemple espécies que podem ser comercializadas com as indústrias alimentícias, fitoterápicas e farmacêuticas. Segundo Prado et al. (2019), por estudar os conhecimentos tradicionais, a etnobotânica gera informações úteis ao planejamento estratégico de ações políticas e educativas voltadas para a conservação e manejo sustentável de recursos naturais, como as que abordam as interações das espécies utilizadas pela população com os atributos socioeconômicos e culturais da comunidade. Albuquerque & Andrade (2002) afirmam que saber a maneira como as pessoas se relacionam e utilizam os recursos pode resultar em vários benefícios. O envolvimento e parceria de mateiros, raizeiros, pesquisadores e gestores do meio ambiente podem apontar alternativas de extração racional, cultivo e produção de espécies vegetais úteis. Ademais, a presença do poder público é fundamental no sentido de disciplinar as coletas e oferecer alternativas cientificamente embasadas (Azevedo & Silva, 2006).

De acordo com Albuquerque & Andrade (2002), muitas comunidades possuem sistemas próprios de manejo, resultado da experiência acumulada durante séculos de relação com os recursos, que permitem suprir suas necessidades com um prejuízo ambiental mínimo, e algumas dessas técnicas são mais produtivas do que as que os cientistas desejam aplicar, pois estão adaptadas às condições locais de clima, solo e vegetação, entre outros fatores físicos, químicos e biológicos. Neste contexto, sobressaem-se os raizeiros, importantes fornecedores de conhecimento e alternativas para as práticas importadas pelos cientistas que, não raro, olvidam a realidade local.

3.2 As perspectivas do raizeiro em relação à sua atividade e às plantas medicinais

Januário (2006b), na obra “Memórias do Beira-Rio”, destaca que o conhecimento e o respeito à natureza da ribeirinha entrevistada foram adquiridos ao longo de sua vida por meio da constante observação. Assim também ocorreu com A.F.A., quando se analisa a origem dos seus conhecimentos. Antigamente, as crianças participavam ativamente da rotina do lar, aprendendo as técnicas de manejo da terra, reconhecimento da fauna e flora, entre outras atividades. O aprendizado dava-se na prática e os conhecimentos eram repassados verticalmente, de geração a geração. Atualmente, as crianças ocupam-se de outros afazeres e a relação entre pais e filhos se adapta a esse novo contexto, o que dificulta a transmissão de conhecimentos como esses, uma vez que a modernidade exige outras formas de saberes.

Para A.F.A., cada vez mais os pais estão perdendo a autoridade com os filhos e a convivência familiar transformou-se em algo quase obrigatório, bloqueando a verticalização do conhecimento tradicional. Na pesquisa de Botrel et al. (2006) menos de 30% dos entrevistados disseram que costumam passar o conhecimento que adquiriram dos pais para outras pessoas. Os saberes tradicionais atuais se baseiam no aprendizado acumulado ao longo dos anos, com a juventude interessada em outros aspectos do conhecimento, o processo de transmissão sofre alteração (Januário, 2006b). A.F.A. tem dois filhos erveiros e deposita neles a esperança de ver o seu trabalho se perpetuar: “Já tenho dois filhos no ramo e espero que pelo menos um neto siga esse rumo também”.

Um dos filhos do raizeiro trabalha com ele nas feiras do CPA. “Tem um que tá aí, tá trabalhando com raiz também, esse era danado...”. Para Dantas e Guimarães (2006), os laços familiares e de amizade são os meios mais usados para a transmissão

dos conhecimentos sobre raízes porque denota confiança e o entrevistado comprova essa teoria com a sua atitude – segundo ele, ensinou muito do que sabe à esposa e criou todos os filhos “à base de remédios caseiros”.

“O conhecimento tem que ser passado para que no futuro tenha alguém que saiba lidar com isso. Muita gente já aprendeu, eu ensino sem problema nenhum. Não adianta guardar... A terra nasceu pra todos, né? Deus nasceu pra todos. Então nós temos que ajudar todo mundo. Quê que adianta ficar só pra mim? Não atender ninguém? A vida é assim mesmo. Nós temos que ensinar o que sabe para os outros também, né? É igual um professor. O professor não ensina tudo o que sabe para os alunos? ... Então, é que nem nós. Nós temos que ensinar pra todo mundo aprender”.

Ferraz et al. (2006), em um estudo sobre o valor de uso da vegetação, concluíram que o menor número de espécies arbóreas nativas medicinais citadas por pessoas da comunidade pesquisada faz supor que o conhecimento sobre o uso dessas plantas é próprio de um número reduzido de pessoas. Em contrapartida, espécies utilizadas para construções rurais, por terem uso prático, foram altamente citadas pela comunidade. Isso demonstra a importância de valorizar o saber empírico e manter a prática da transmissão – vertical ou horizontal – desse saber. Ao mesmo tempo, é necessário distinguir as informações oriundas de comunidades ribeirinhas, rurais e silvícolas daquelas obtidas na mídia ou em farmácias e lojas de produtos naturais, onde preparações vegetais são comercializadas com rotulação industrializada (Veiga Junior et al., 2005). Segundo os autores, em geral, essas preparações não possuem certificado de qualidade e são produzidas a partir de plantas cultivadas, descaracterizando a medicina tradicional que utiliza, quase sempre, plantas da flora nativa.

Os cuidados que se deve ter com o uso de plantas medicinais vão desde a possível identificação errônea da espécie até os efeitos de superdosagens, alergias ou reações a interações medicamentosas, muitas vezes desconhecidos. A.F.A. acredita que o remédio natural não tem contraindicação, mas mostrou-se atento aos perigos que o uso indiscriminado de ervas medicinais pode causar. “... Até comida se você comer demais você morre! Existe a dose do remédio”. Ademais, espera-se que raizeiros, erveiros e comunidades tradicionais, em geral, façam uso das técnicas corretas de extração, secagem e armazenamento das plantas, assim como dos preparos de géis e garrafadas. Nesse contexto, retoma-se as palavras de A.F.A.:

“O remédio ... pode ter validade de até dois anos ... Tem que secar a erva que é bem úmida um dia no sol e o resto na sombra. Agora a erva que não tem muita água é tirada e só secada na sombra...”

“Eu mesmo tirando, eu confio mais, ... nós tem uns dez raizeiros que tira a planta para nós ... tem aqueles que a gente confia...”

A.F.A. tem plena consciência da importância de manter vivo o conhecimento que adquiriu de sua mãe. Ele sabe que o conhecimento botânico que possui não está presente na escola e, por esse motivo, transmite o que sabe a quem estiver disposto a aprender. Ao mesmo tempo, reconhece que sua prática profissional corre risco de extinção, seja porque a transmissão do saber diminui a cada geração, seja porque o ambiente natural está sendo super explorado. “Há um tempo comprei uma chácara, mas logo vendi porque aquela terra não prestava” – ou seja, o ambiente já havia sido degradado, do solo aos recursos hídricos. O raizeiro reconhece também que comercializar ervas e seus subprodutos na feira é mais do que um “ganha-pão”, é um ato de amor, é a chance de ser professor e mostrar à Natureza o respeito que sente por ela. “Eu não gosto da cidade não. Moro aqui, vivo aqui, mas não gosto da cidade. Lá no sítio a gente não vê barulho, não vê nada, só a natureza”.

Amor, dedicação, bom-senso e conhecimento se mesclam no entrevistado e mostram como, em qualquer região, a relação ser humano-planta pode e deve ser evidenciada. E perpetuada.

4. Considerações Finais

Apesar de o conhecimento etnobotânico estar mais fortemente relacionado à zona rural e às comunidades tradicionais isoladas do meio urbano, percebe-se a presença deste saber também na rotina das metrópoles e sociedades mais contemporâneas, como nas feiras livres e mercados de grandes cidades, por exemplo. Nas feiras de Cuiabá-MT é possível encontrar “especialistas” da medicina natural que, além de comercializarem espécies vegetais com potencial medicinal, detêm conhecimentos sobre o modo de preparo e indicações de uso, tal qual o raizeiro entrevistado nesta pesquisa.

Sendo a fitoterapia o recurso terapêutico mais acessível às classes economicamente menos favorecidas, torna-se altamente importante a realização de estudos etnobotânicos e valorização do saber local por, principalmente, dois motivos: (1) a etnobotânica é base para estudos multidisciplinares que visam definir os potenciais terapêuticos e tóxicos de extratos vegetais; (2) a divulgação do conhecimento tradicional promove o entendimento de que as práticas locais estão intrinsicamente associadas à cultura de diferentes formações sociais e contribuem para a conservação da natureza e autogestão dos recursos naturais.

A valorização do saber empírico se faz necessária, tendo em vista a perda da transmissão oral entre gerações e a degradação crescente dos ambientes naturais. Neste estudo a perpetuação da prática botânica se verifica quando A.F.A. mostra que seus filhos também se dedicam a esta atividade, ao mesmo tempo em que é possível observar que a relação ser humano – natureza está fortemente imbricada em si e em suas percepções sobre as plantas e a importância que possuem na vida moderna.

Recomenda-se fortemente a realização de mais estudos como esse, a fim de que os conhecimentos tradicionais sejam reconhecidos, respeitados e amplamente disseminados. Só assim o saber popular retomará seu importante papel na sociedade atual, tão necessitada de cultura, tradição e sensibilização ambiental.

Agradecimentos

A autora agradece ao Prof. Dr. Germano Guarim Neto e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela orientação e financiamento da pesquisa, respectivamente.

Referências

- Agra, M. F. (1996). *Plantas medicinais populares dos Cariris Velhos, Paraíba – Brasil: espécies mais comuns*. PNE.
- Albuquerque, U. P. (2002). *Introdução à Etnobotânica*. Edições Bagaço.
- Albuquerque, U. P. & Andrade, L. H. C. (2002). Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de Caatinga no estado de Pernambuco, nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 16(3), 273-285.
- Amorozo, M. C. M. (2002). Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 16(2), 189-203.
- Araújo, C. R. F., Oliveira, J. O. D., Resende, J. C., Bezerra, M. G. P., Costa, E. P. & Coutinho, M. S. (2014). Raizeiros e raizeiras enquanto multiplicadores do conhecimento popular: um resgate na literatura. *Revista Saúde e Ciência*, 3(1), 35-43.
- Araújo, T. S., Castro, E. F. P., Brito, C. R., Aguiar, M. C. R. D. & Carvalho, M. C. R. D. (2003). Perfil sócio-econômico dos raizeiros que atuam na cidade de Natal – RN. *Infarma*, 15(1/3), 77-79.
- Azevedo, S. K. S. & Silva, I. M. (2006). Plantas medicinais e de uso religioso comercializadas em mercados e feiras livres no Rio de Janeiro, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 20(1), 185-194.
- Botrel, R. T., Rodrigues, L. A., Gomes, L. J., Carvalho, D. A. & Fontes, M. A. L. (2006.) Uso da vegetação nativa pela população de Ingaí, MG, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 20(1), 143-156.
- Caballero, J. (1979). La Etnobotânica. 27-30. In: Barrera, A. (ed.). *La Etnobotânica: três puntos de vista y una perspectiva*. Xalapa: INIREB.
- Cordeiro, J. M. P. & Félix, L. P. (2014). Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 16(3), supl. 1, 685-692.
- Corrêa, A. D., Batista, R. S. & Quintas, L. E. M. (1998). *Plantas medicinais do cultivo à terapêutica*. (4a ed.), Editora Vozes.
- Cuiabá - Prefeitura Municipal de Cuiabá. (2007). *Evolução do perímetro urbano de Cuiabá – 1938 a 2007*. IPDU - Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano.

- Cuiabá - Prefeitura Municipal de Cuiabá. (2009). *Perfil socioeconômico de Cuiabá*, vol.4. In: Santos, A. B. (org.). IPDU / Central de Texto.
- Cuiabá - Prefeitura Municipal de Cuiabá. (2010). *Composição dos bairros de Cuiabá – data base dezembro de 2009*. IPDU - Instituto de Planejamento e Desenvolvimento Urbano.
- Cuiabá - Prefeitura Municipal de Cuiabá. (2014). *Feiras livres*. <https://www.cuiaba.mt.gov.br/secretarias/trabalho-e-desenv-economico/feiras-livres/>.
- Dantas, I. C. & Guimarães, F. R. (2006). Perfil dos raizeiros que comercializam plantas medicinais no município de Campina Grande, Paraíba. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, 6(1), 39-44.
- Diegues, A. C. (2008). *O mito moderno da natureza intocada*. (6a ed.), Hucitec.
- Ferraz, J. S. F., Albuquerque, U. P. & Meunier, I. M. J. (2006). Valor de uso e estrutura da vegetação lenhosa às margens do riacho do Navio, Floresta, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 20(1), 125-134.
- Flora do Brasil. (2020). *Reflora: Flora do Brasil 2020 - algas, fungos e plantas*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>.
- Freitas, A. V. L., Coelho, M. F. B., Azevedo, R. A. B. & Maia, S. S. S. (2012). Os raizeiros e a comercialização de plantas medicinais em São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, 10(2), 147-156.
- Garcia, P. B., Lyra, G., Ferreira, L. & Alves, J. C. S. (1991). *Memórias de um raizeiro: Izidio Salustiano Diniz*. Cadernos de Educação Popular, vol.18. Petrópolis: Editora Vozes.
- Google Earth Pro. (2021). Versão 7.3.4. Maxar Technologies. https://earth.google.com/web/@-15.56679953,-56.04174127,202.47112678a,7660.65865702d,35y,-0h,0t,0r?utm_source=earth7&utm_campaign=vine&hl=pt-BR.
- Guarim Neto, G. (1996). Ocorrência e distribuição da família Sapindaceae Jussieu nos estados de Mato Grosso, Goiás e Tocantins. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 12(2), 145-164.
- Guarim Neto, G. (2005). As plantas medicinais e a educação ambiental: uma conexão interdisciplinar. In: *Anais do IV Encontro de Educadores Ambientais de Mato Grosso - REMTEA*. Cuiabá: UFMT.
- Guarim Neto, G. & Morais, R. G. (2003). Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. *Acta Botanica Brasilica*, 17(4), 561-584.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico de 2010*. <http://www.censo2010.ibge.gov.br>.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Cidades e Estados*. <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mt/cuiaba.html>.
- Januário, E.R.S. (2006a). *As vidas do ribeirão*. Cáceres: Editora UNEMAT.
- Januário, E.R.S. (2006b). *Memórias do beira-rio*. Cáceres: Editora UNEMAT.
- Kubo, R. (2006). Reflexões em torno da cultura baseada em uma experiência em área de Mata Atlântica no Rio Grande do Sul. 479-484. In: Mariath, J. E. A. & Santos, R. P. (eds.). *Os avanços da Botânica no início do século XXI – morfologia, fisiologia, taxonomia, ecologia e genética*. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil.
- Lamarca, E. V., Oliveira Júnior, C. J. F. & Barbedo, C. J. (2020). Etnobotânica na conservação de espécies com sementes sensíveis à dessecação: o exemplo da *Eugenia brasiliensis* Lam., *Hoehnea*, 47, e372019.
- Loch, V. C., Saraiva, R. V. C., Souza, R., Barroso, K., Sobrinho, M. R. & Silva, H. R. (2020). Os raizeiros e as plantas medicinais comercializadas nas feiras livres de São Luís, MA. *Cadernos de Agroecologia* (Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão-SE), 15 (2).
- Lorenzi, H. & Matos, F. J. (2021). *Plantas medicinais no Brasil, nativas e exóticas*. (3ª ed.), Instituto Plantarum.
- Loyola, M. A. (1984). *Médicos e Curandeiros - conflito social e saúde*. Editora DIFEL.
- Macena, L. & Vila, N. (2020). Etnobotânica e a adoção de práticas agroecológicas segundo a percepção dos assentados do assentamento Palmares. *Biodiversidade*, 19(1), 50-66.
- Pasa, M. C. (2020). Medicina tradicional em comunidades mato-grossenses. *Biodiversidade*, 19(2), 2-19.
- Pasa, M. C., Soares, J. J. & Guarim Neto, G. (2005). Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição – Açú (Alto da Bacia do Rio Aricá Açú, Mato Grosso, Brasil). *Acta Botanica Brasilica*, 19(2), 195-207.
- Pereira, A. G., Alcântara, L. C. S., Oliveira, R. E. & Sais, A. C. (2021). Plantas com potencial medicinal em quintais agroflorestais: diversidade entre comunidades rurais do Portal da Amazônia - Mato Grosso, Brasil. *Research, Society and Development*, 10(6), e59010615713.
- Prado, A. C. C., Rangel, E. B., Sousa, H. C. & Messias, M. C. T. B. (2019). Etnobotânica como subsídio à gestão socioambiental de uma unidade de conservação de uso sustentável. *Rodriguésia*, 70, e02032017.
- Sganzerla, C. M., Predebon, A. J., Veloso, J. J. & Roman Junior, W. A. (2022). A etnobotânica como influenciadora da prospecção farmacológica. *Revista Fitos*, supl (1), 93-97.
- Silva-Almeida, M. F. & Amorozo, M. C. M. (1998). Medicina popular no Distrito de Ferraz, município de Rio Claro, Estado de São Paulo. *Brazilian Journal of Ecology*, 2(1), 36-46.

- Souza, C. D. & Felfili, J. M. (2006). Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 20(1), 135-142.
- Souza, G. C. (2006). O papel da etnobotânica na conservação da biodiversidade. 493-496. In: Mariath, J. E. A. & Santos, R. P. (eds.). *Os avanços da Botânica no início do século XXI – morfologia, fisiologia, taxonomia, ecologia e genética*. Porto Alegre: Sociedade Botânica do Brasil.
- Telesi Júnior, E. (2016). Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. *Estudos Avançados*, 30(86), 99-112.
- The Angiosperm Phylogeny Group, Chase, M. W., Christenhusz, M. J. M., Fay, M. F., Byng, J. W., Judd, W. S., Soltis, D. E., Mabberley, D. J., Sennikov, A. N., Soltis, P. S. & Stevens, P. F. (2016). An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV, *Botanical Journal of the Linnean Society*, 181(1), 1-20.
- Thompson, P. (1992). *A voz do passado – história oral*. (2a ed.), Editora Paz e Terra S.A.
- Torres-Cuadros, M. A. & Islebe, G. A. (2003). Tradicional ecological knowledge and use of vegetation in southeastern México: a case study from Solferino, Quintana Rôo. *Biodiversity and Conservation*, 12, 2455-2476.
- Veiga, J. B. & Scudeller, V. V. (2011). Quintais agroflorestais da comunidade ribeirinha São João do Tupé no baixo rio Negro, Amazonas. 523-543. In: Santos-Silva, E.N., Scudeller, V. V. & Cavalcanti, M. J. (orgs.). *BioTupé: meio físico, diversidade biológica e sociocultural*, v.3. Manaus: Rizoma Editorial.
- Veiga Junior, V. F., Pinto, A. C. & Maciel, M. A. M. (2005). Plantas medicinais: cura segura? *Química Nova*, 28(3), 519-528.
- WHO - World Health Organization. (2002). *The World Health Report 2002: Reducing risks, promoting healthy life*. Geneva: World Health Organization. http://www.who.int/whr/2002/en/whr02_en.pdf.